



COMPLETANDO O ENSINO DE PORTUGUÊS

Sanny Mielly Almeida de Moraes Barros

sannymielly@hotmail.com

Literatura Infanto-Juvenil

Resumo

Através da análise de livros como o *Letramento Literário* de Rildo Cosson e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, serão levantadas questões referentes ao ensino de literatura e língua dentro de sala de aula, além de possíveis soluções que podem ser analisadas para que possa haver um melhor aproveitamento dos alunos em aula no que se refere ao ensino de *Português* como um todo, que é exatamente a junção desses dois componentes curriculares (Gramática e Literatura), além do acréscimo de um terceiro componente não menos importante – Produção de texto – fazendo com que a aula e o aprendizado ocorra de forma mais integrada e completa, sem o escanteio de nenhuma das disciplinas – escanteio esse que a literatura costuma ficar. Com a carga literária advinda dessas referências bibliográficas citadas, podemos incrementar novas formas de ensino nas escolas públicas e visualizar o engajamento nas salas de aula desses componentes curriculares, aumentando o tempo que – por serem vistas de forma dividida – acaba sendo pouco por – também – ter de ser dividido. Todas as propostas de gramática sendo adicionadas as de literatura – levando a realização da leitura de romances e textos de arte literária, porém ainda assim ocorrendo uma análise gramatical reflexiva e não apenas mecânica das obras – fazem com que ocorra o enriquecimento do aprendizado e, acima de tudo, aguçam o desenvolvimento crítico do aluno.

Palavras-chave: Literatura. Português. Engajamento. Desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

Levando em consideração a arte literária que é vista nas escolas e o ensino da língua materna, será que seria realmente correto continuar com essa separação, se podemos envolvê-las para produzir um conhecimento integrado e ampliar a visão dos alunos relacionada às aulas de *Português* como o ensino de tudo o que pode englobar a língua (formas artísticas nacionais e a gramática), e não apenas o *Português* como o ensino exclusivo da gramática, ficando a *Literatura* como uma ramificação a parte, que muitas vezes não tem tanto peso quanto a *Gramática* (erroneamente chamada de aula de Língua portuguesa, porém é uma "disciplina" que se atém apenas a esse aspecto da língua e que é tão comumente confundida com aula de *Português*)?

Neste trabalho, vamos por em reflexão como está o ensino de literatura nas escolas públicas brasileiras em detrimento ao ensino de gramática; porque não podemos chamar aula de gramática de aula de *Português* e como essa questão influencia no ensino de Literatura em sala de aula; por que esses ensinamentos que são vistos de forma tão separada são intrínsecos, como dito anteriormente; quais ações o professor de Língua



Portuguesa pode por em prática para que o aluno tenha aulas de *Literatura* nas aulas de Língua materna e que, dessa forma, ele possa ter suas perspectivas ampliadas e se transforme em um leitor especializado. Além dessas reflexões, ainda serão apontados exemplos de como algumas propostas dadas podem ser postas em prática na sala de aula.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REVISÃO DE LITERATURA

É apresentado nas escolas – de ensino fundamental e médio – atuais um panorama educacional de ensino de literatura muito peculiar. Vemos professores, principalmente em escolas públicas, divididos nos ensinamentos de Linguagens e Literatura e que não conseguem dividir igualmente essa carga horária que é estabelecida para eles, levando o ensino de literatura à algo muito mais sistemático e pouco proveitoso.

O ensino de Língua, sabemos, é mais objetivo e por esse caráter estabelecido, passa a ser mais desenvolvido no tempo em sala de aula por esses professores que, muitas vezes, deixam o ensino de literatura em escanteio. Porém, ao abordar a literatura em sala de aula, se vê tão enraizado um ensino tradicional objetivo e não-funcional – que aborda apenas questões históricas e visões de críticos literários sobre determinadas obras, por exemplo – que esquece-se da literatura em si, do real sentido literário, que é o de fazer refletir, pensar, questionar, sentir, abrir sua visão de mundo, do social.

Sobre o ensino de literatura de forma não sistemática, devemos tomar cuidado com a forma como trabalhamos as obras literárias em sala de aula. Aconselha-se que os professores procurem ler as obras integrais com seus alunos, mas muitas vezes o tempo estabelecido para a aula não ajuda e o professor precisa arrumar outros meios de trabalhar aspectos relevantes (como as escolas literárias e suas características) sem levar o aluno a uma exaustão e falta de interesse.

O que vemos na parte de ensino de Língua e Literatura é a fragmentação de trechos de obras literárias ou uso de poemas para justificar a gramática ou para notar características de forma muito superficial de movimentos literários não havendo entendimento por parte dos alunos da obra referente. Não há a apropriação da obra e de sua história. Muito mais do que expressão de características do tempo em que escreveu a obra, o autor tem ideais e opiniões a expressar em seu texto que são relevantes para o conhecimento e aprimoramento literário e histórico-social do próprio aluno.

Dentre os vários benefícios para o aluno advindos do bom trabalho com a literatura em sala de aula, talvez o maior deles seja a formação de uma sensibilidade apurada em relação a tudo o que o cerca, pois ao praticar análises de obras e perceber as múltiplas possibilidades de interpretações de textos, o aluno estará apto a enxergar o mundo de maneira diferente. O trabalho do professor nesta situação é o de ponte entre aluno e obras literárias, ele deverá ser o auxiliador nos primeiros passos das análises de seus alunos, fazendo-os entender como devem se portar e reagir a uma leitura literária.

Além disso, é muito importante a gramática ser vista de forma menos mecânica pelos alunos. Através das análises que podem ser feitas pelos professores pelo estudo integral de textos de obras literárias, pode-se ainda acrescentar a gramática à esse estudo, deixando o aprendizado mais funcional e contextual, por não trabalhar com



fragmentos, mas com algo mais “concreto”, com sentido real e completo. Acaba-se, assim, por deixar o estudo de Língua e Literatura mais funcional e proveitoso, pois acabará por apresentar aos alunos uma matéria que parece ser mais praticável que decorável.

O professor deve entender que apresentar conteúdos de literatura para os alunos é algo que pode e deve levá-los a uma fruição do que se trabalha, a apreciação desta arte não deve ser limitada por qualquer que seja o fator que esteja sendo um empecilho. Fazendo com que o aluno entenda que a literatura será importante para seus conhecimentos e ainda servirá de fruição na apreciação da arte, eles irão, muito provavelmente, se interessar pelas aulas a ponto de sempre querer estar participando através de comentários de percepções que alcançaram em suas leituras literárias, tornando a aula mais interativa, proveitosa e aprazível.

3. METODOLOGIA

Como em todo estudo relacionado ao ensino, precisamos ter uma base sobre o ensino atual para podermos chegar às conclusões relacionadas ao que ele representa. Dessa forma, precisamos ter uma vivência sobre o ensino público para captarmos o que é necessário no aluno, no ensino, no professor, na escola, para que o aprendizado seja completo.

Assim, necessitamos assistir e visar criticamente aulas relacionadas às disciplinas que vamos abranger para notarmos seus problemas e – de acordo com análises de livros que são necessários nessa caminhada, relacionados ao ensino e que nos apontam como deve ser apresentado esse mesmo ensino – conseguirmos chegar às conclusões e teorias para uma melhor relação de ensino-aprendizagem.

Então, através da combinação da prática (aulas assistidas em escolas públicas brasileiras e vivência em escolas particulares para melhor comparação) e da teoria (bibliografia estudada), chegaremos aos resultados necessários para o melhor percepção do que é melhor para o ensino de *Português*.

4. RESULTADOS

É perfeitamente possível fazer com que exista uma aula integrada envolvendo todas as disciplinas referentes ao conteúdo relacionado ao curso de Letras Língua Portuguesa, assim como, também, de outras disciplinas que, muitas vezes, sequer possuem relação no meio acadêmico diretamente – como o caso de Biologia e Física, por exemplo. Porém, se tem visto, nos dias atuais, a contração dessas aulas – e de muitas outras – formando um tipo de sistema integrado que expande grandemente a aprendizagem do aluno e o torna mais preparado para o mundo extra classe do que se ele tivesse esquemas de aula estáticos e completamente divididos entre si, como de costume.

Com o aproveitamento aumentado, acaba por ter pouca perda de conteúdo advindo de possíveis “colas” ou decoração, por ter sido fixado no aluno e ele ter apreendido o que se é proposto, ao invés de apenas visto por algum tipo de obrigação.



Acontecendo isso, o aluno aprende e usa seus conhecimentos para todos os âmbitos que precisar por tempo ilimitado, pois terá em seu conhecimento o que é necessário, o estudo básico (assuntos do ensino fundamental e médio).

5. DISCUSSÃO

Vivemos uma complicada situação dentro de sala de aula, pois os alunos tratam o ensino de *Literatura* como dispensável, pois o próprio currículo escolar (feito por escolas, professores e sistema) acabam por tratá-la assim. Através de uma afirmação de Rildo Cosson no livro *Letramento Literário*, vemos

(...) vivemos nas escolas uma situação difícil com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. (COSSON, 2006, p.10).

Existe, portanto, essa visão arraigada em muitos professores – além dos próprios alunos – o que piora a situação do ensino, pois quem deveria ser o agente transformador acaba por ser mais um agente de empobrecimento das aulas.

Como assim?

A partir do momento que o próprio professor vê o ensino de *Literatura* como dispensável, ele passa a aplicar em sala de aula o que acha conveniente, usual, no caso, a gramática. As aulas passam a ter uma conotação pouco reflexiva e mais decorativa. Os alunos não pensam e refletem sobre a língua, mas apenas são expostos a diversas regras gramaticais que não possuem funcionalidade para eles. A aula de Língua Portuguesa fica incompleta.

As aulas de *Português* devem promover a junção entre a gramática, a linguística, a escrita e a literatura. Dessa forma, não ocorre a necessidade da separação de disciplinas – gramática, redação e literatura.

Atualmente vemos – em detrimento aos problemas apontados anteriormente – algumas escolas de ensino particular que promovem a junção de disciplinas como química e biologia nas aulas, para ampliar a visão do aluno em relação às questões que podem vir a se deparar nas próprias provas de vestibular e, também, maximizando o entendimento do aluno sobre as disciplinas fazendo com que ele não deixe tudo de forma estática em sua cabeça, como se as disciplinas fossem independentes entre si e não se relacionassem de forma alguma.

Se já ocorre isso nas escolas particulares, porque não podemos fazer nas escolas públicas? E se podemos fazer tais junções de disciplinas que possuem visões e



formações acadêmicas distintas, por que insistimos em dividir e hierarquizar as aulas referentes às disciplinas do curso de Letras se elas próprias são totalmente correlativas e existem como extensão uma da outra num ciclo que pode abranger e abrir nossos horizontes – e o dos nossos alunos – de forma tão mais enriquecedora do que separadas.

São tantos problemas a serem solucionados no ensino público brasileiro que, além da separação das disciplinas referentes a *Português*, do “escanteamento” da *Literatura*, ainda temos mais um problema a ser refletido e estudado: As aulas de *Literatura* que são ministradas de forma mecânica e pobre em sala – quando são ministradas.

Sobre a junção nas aulas de Português de *Gramática e Literatura*, podemos pegar um texto, como o poema *Pronominais* do poeta modernista Oswald de Andrade e aplicarmos em sala de aula dando margem a muita reflexão sobre Língua e Literatura.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro. (ANDRADE, 1972)

Através deste pequeno poema, apenas, pode-se discutir as questões gramaticais referentes à norma culta e a fala popular; refletir sobre o autor e sobre as características modernistas de crítica ao “politicamente correto” e como o autor foi importante para tal movimento histórico com suas publicações; pode-se também entrar no assunto da funcionalidade da Língua; do porquê que, gramaticalmente a forma que falamos diariamente colocando o pronome oblíquo átono no início da frase e antes do verbo é, gramaticalmente, errado, mas por que, ainda assim é usado.

Acabamos de ver um exemplo da integração de Língua materna (gramática e fala) e Literatura sem complicação e complexidade alguma.

Mas podemos pensar que talvez o momento histórico e o autor escolhido ajudem nessa integração de componentes curriculares, mas que talvez outro momento histórico com outras manifestações não facilitem essa relação. Porém se pegarmos textos de qualquer movimento literário podemos, além de refletir sobre o próprio texto, o movimento literário que segue, o autor e suas ideias, ainda podemos estudar determinadas regras gramaticais sem prejudicar o entendimento do texto ou reduzi-lo apenas a essas regras. Porém, podemos pegar romances como *O Guarani* de José de Alencar e trabalhá-los em sala de aula. Já vamos para outro movimento literário – romantismo – no qual podemos abordar as características, aspectos do autor, como ele escreve a história do livro e como expressa as características românticas e indianistas, além de abordar aspectos gramaticais dentro de um texto completo, com contexto e forma, e não apenas usando frases fora de contexto as quais o livro didático costuma explorar. Por exemplo, na seguinte passagem do livro, temos:



Na vida selvagem, tão próxima da natureza, onde a conveniência e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como a flor do campo, e cresce em algumas horas como uma gota de orvalho e um raio de sol. Nos tempos de civilização, ao contrário, o sentimento torna-se planta exótica; que só vinga e floresce nas estufas, isto é, nos corações onde o sangue é vigoroso, e o fogo da paixão ardente e intenso. (ALENCAR, 2009, p. 240)

A partir da análise do livro, ao chegar nessa passagem, no trabalho do romance com os alunos, além de todas as questões literárias envolventes que podem ser apanhadas, pode-se, também, trabalhar a gramática como as figuras de linguagem que o autor utiliza ao comparar o sentimento a uma planta exótica, por exemplo, a metáfora; ou fazer uma reflexão sobre os pronomes ou preposições que ele utiliza e como elas podem mudar o sentido – ou dar um novo sentido – ao que o autor pretende passar, como, por exemplo, a preposição “como” estabelecendo uma relação entre os termos “cresce em algumas horas” e “uma gota de orvalho e um raio de sol”, nos dando um sentido diferente do que se fosse usada a locução prepositiva “na forma de”.

6. CONCLUSÕES

Como visto, não é necessária muita análise para percebermos que o ensino de Literatura e Linguagens nas salas de aula do ensino público brasileiro não corresponde às expectativas para chegarmos ao aprendizado ideal para nossos alunos.

Existe um tipo de descaso que nos é mostrado relacionado ao ensino público. O que é mais fácil de ser ministrado é o que é posto em prática e as consequências disso, como o empobrecimento do aprendizado do alunado, não tem valor significativo.

Se o próprio sistema continuar a tratar o ensino como banal, não conseguiremos fazer alguma mudança considerável na vida, não só dos estudantes, como da nossa sociedade em geral.

O ensino integrado faz com que possamos ter a capacidade de assimilar tudo que nos ode ser oferecido sem demais problemas, além de fazer com que nossos horizontes possam ser expandidos e tenhamos mais dinamicidade e criticidade cotidianamente, não apenas em sala, ou quando pressionados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Costexto, 2006.

Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.